



# DANÇA E NATUREZA

Um Ensaio sobre  
o Corpo Ambiental  
em Helenita Sá Earp



**Dança e Natureza**  
Um Ensaio sobre o Corpo Ambiental em Helenita Sá Earp



Laboratório de Imagem e Criação em Dança / UFRJ  
Escola de Educação Física e Desportos (EEFD)  
Av. Carlos Chagas Filho, 540 - Sala E 022 (A e B)  
Cidade Universitária  
Rio de Janeiro - RJ  
CEP: 21941 - 599

Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Biofísica) / UFRJ  
Programa de Pós-graduação em Química Biológica / UFRJ  
Processo 88887.130675 / 2016-00

Este livro foi apoiado com recursos financeiros concedidos para o Projeto “O Papel e o Legado de Helenita Sá Earp na Dança Brasileira”, através do Edital Capes nº 13 / 2015 “Memórias Brasileiras: Biografias”.

É expressamente proibida a reprodução desta obra no todo ou em parte sem autorização dos Coordenadores.  
Todas as Fotografias e/ou imagens foram cedidas e autorizadas para reprodução em material de divulgação deste projeto.

Coordenador do Projeto: Adalberto Vieyra  
Vice - Coordenador: André Meyer  
Fotografias: Mateus Paiva, Alexander Moreira e Camila Barbosa  
Textos: Ana Célia de Sá Earp, André Meyer; Yasmin Moreira, Thaisa Faustino, Ananda Sá Earp e Yue Rodrigues.  
Projeto Gráfico e Editoração: Mateus Paiva e Vitor Saiga Ornellas.

Autores: Sá Earp, Ana; Meyer, André.  
Dança e Natureza: um Ensaio sobre o Corpo Ambiental em Helenita Sá Earp. Edição 1 - Volume 1.  
Organizado por Adalberto Vieyra, André Meyer e Ana Célia de Sá Earp. Rio de Janeiro. 2019.

Registro na Biblioteca Nacional  
Prefixo Editorial: 902221  
ISBN: 978-65-902221-1-4  
1 Dança. 2. Fotografia. 3. Poesia. 4. Natureza.  
5. Corpo. 6. Memórias Brasileiras. 7. Helenita Sá Earp. 8. Pesquisa.

# Sumário

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

IMAGENS E POEMAS

RELATOS TELÚRICOS

FICHA TÉCNICA

NOTAS

# Prefácio

A proposta deste livro é celebrar o encontro do ser humano com a água, terra, lama, folhas, flores, raízes, pedras e árvores presentes na região do entorno do Parque Nacional do Itatiaia, situado na Serra da Mantiqueira entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Este ensaio nasceu a partir dos anseios dos artistas envolvidos em estabelecer poéticas de significação e ressignificação do corpo e da natureza no contexto da dança como forma de arte contemporânea. O livro une fotografia, poesia e relatos pessoais dos intérpretes-criadores sobre a dança na natureza. Catorze poemas são fragmentos que escrevi a partir de pensamentos de minha mãe, ditos para mim ao longo de 50 anos, nas terras de Visconde de Mauá. Neste contexto, os dançarinos, participantes do projeto, também foram estimulados a criar suas próprias poesias, a fim de expressarem a influência da natureza em seus movimentos.

Concebido por um conjunto de pesquisas feitas na interface dança e natureza, os ensaios fotográficos entrelaçam movimento e poesia numa dança que procura captar a vibração dessa trama inimaginável da qual fazemos parte.

O cerne do indivíduo, é a própria essência da natureza, uma vez que somos parte dela. Na busca de recuperar esta unidade profunda, este livro também pode ser considerado um livro de oração. Mas no que se constitui, esta oração? Oração da terra e do ser humano dançando juntos em busca de infinitude e integração. Os corpos em devir se entregam na lama, oram nas folhas, descansam nas árvores e sonham as raízes. Este “deixar fluir” se coloca como um caminho para a plenitude, o encontro consigo mesmo e com o próximo.

As fotografias procuram captar o entrelace do movimento com a energia da floresta. Cabe ao leitor entrar e desvendar o mistério desta relação, a muito desejada, de uma nova e fraterna aliança do ser humano com o meio ambiente.

Ana Célia de Sá Earp

# Introdução

Este livro é fruto de um conjunto de ações que tiveram seu início em 2004 com a realização do Projeto “Corpos Telúricos” pela Companhia de Dança Contemporânea da UFRJ.

“Corpos Telúricos” é um projeto que une imagem, poesia e dança como suporte da ecoarte. As práticas ecoperformativas, na primeira fase do projeto, estavam direcionadas à pesquisa, roteirização e produção de duas vídeodanças e de uma vídeo-performance-instalação; intituladas respectivamente de “Água das Origens - Eau des Origines” (2005); “Passo a Passo - Pas à Pas” (2006) e “Projeção Telúrica” - Projection Tellurique” (2007). Estas obras participaram de expressivos eventos artísticos nacionais e internacionais.

As danças foram filmadas em matas, rios, cachoeiras e montanhas do Parque Nacional do Itatiaia. Juntamente com a apresentação das vídeodanças e da performance, o projeto organizou dois seminários que relacionavam a pesquisa com a filosofia das imagens de Gaston Bachelard.

A proposta foi retomada em 2017, com a realização de ensaios fotopoéticos, onde corpo e movimento se fundem com as forças telúricas de Visconde de Mauá.

As fotografias e poesias que compõem o livro, foram geradas a partir de estudos e práticas experimentais de movimento com base nos conceitos de corpo ambiental, presente na Teoria de Princípios e Conexões Abertas em Dança de Helenita Sá Earp, juntamente com temas presentes no estudo da mística em religiões comparadas.

Nessa perspectiva, as concepções de movimento para uma corporeidade distendida no espaço, extrapola uma visão segmentada de destrezas e habilidades motoras, exigindo que o processo de ensino e criação da dança na natureza, fosse especialmente dimensionado à produção deste trabalho.

A pesquisa sobre o corpo ambiental, que estrutura diversas ações criativas, implica em toda uma concepção do que seja a própria dança, a criação e o movimento.

A Teoria de Princípios e Conexões Abertas em Dança de Helenita Sá Earp (também denominada Fundamentos da Dança ), desenvolve referenciais abertos, onde a corporeidade é vista através de seus aspectos enquanto: movimento-espaco-forma-dinâmica-tempo. Estes atributos estão presentes na corporeidade humana, assim como nos demais fenômenos do universo. Estes aspectos são princípios imanentes que estão presentes em todas as coisas. Isto nos permite, por exemplo, relacionar a corporeidade do ser humano com a corporeidade de pedras, árvores, folhas, lama, água; pois forma, função, estrutura, arranjo e configuração se caracterizam como aspectos comuns das artes e ciências. Como não se tem nenhum padrão de movimento a seguir, e como a pesquisa de movimento é ilimitada, uma pessoa pode dançar em diferentes ambientes, tanto naturais, como construídos e em qualquer situação do corpo no espaço: instauradora de uma mobilização poética, seja ela qual for.

Em seus estudos, Helenita entrelaça intimamente a corporeidade humana com outros tipos de corporeidade do universo. A corporeidade é aqui entendida como um campo de interações. Este conceito está intimamente ligado ao de Originação Interdependente do Budismo. O conceito de Originação Interdependente procura mostrar, como a mente, que é livre e luminosa em sua natureza primordial, pode se condicionar numa existência cíclica em identificações artificiais, alimentadas por apegos e aversões, causadores de sofrimento. Quando este processo é redirecionado para a iluminação, tudo muda. As escolhas passam a ser feitas em função do amadurecimento da pessoa e da sabedoria que surge como um fruto do contato com realidade numinosa.

Neste contexto, podemos dizer que a corporeidade passa a ser uma espécie de mandala, onde o ser humano se abre para o seu ilimitado ser e deixa de ser determinado pelo seu ego condicionado. Desta forma, o campo da corporeidade fica permeável ao fluxo da intuição criadora.

No processo de criação das fotografias e das poesias, foram explorados contatos e apoios do indivíduo com ele mesmo e com o outro, em diferentes locais de Visconde de Mauá, principalmente na Vila de Maringá e de Santa Clara. No livro, diversas relações exploratórias de fusão do corpo às forças da natureza, foram desenvolvidas a partir destes conceitos-chave presentes nos estudos de Helenita Sá Earp.

Quem sabe este livro seja, mais uma “gotinha tentando voltar para o oceano”, e que coloque a singularidade do humano como ser relacional – profundamente ligado a tudo e a todos os rostos, humanos e não humanos - numa trama existencial, onde cada ação está interconectada com o compromisso de beleza e elevação de si mesmo e da humanidade.

Oxalá possa esta obra, tornar-se um caminho a ser trilhado por todos os que buscam a consciência, na lucidez da alegria criadora de participar desta dança telúrica.

André Meyer

poemas  
gdena  
subda



Na vastidão das montanhas, o ilimitado traz os seus traços e o nosso corpo se prende na ilusão.

Como não escutar o silêncio por trás dos ventos, dos pássaros, dos insetos e das pedras?

Nas altitudes sentimos nossa verticalidade, as proeminências que nos elevam, as forças que nos empurram com ondas sólidas.

Como não estar neste ar das consciências abertas?

Percorra as montanhas e saiba pelo seu incessante empenho como subi-las e como descê-las. Faça de seus caminhos um ir e vir das alturas.

Mantenha-se sempre pleno nestes percursos que se transformam em sentidos. Repouse sua mente nesse olhar vasto, com sua respiração e aprenda que o fora e o dentro são apenas códigos.

Saiba que o ritmo que pulsa sobre este olhar atento faz surgir o corpo, mas também o universo. Deixe seus pensamentos se esgarçarem como nuvens, deixe o sol surgir na sua testa resoluto.

Como este sol celeste ao surgir entre as árvores libera raios que tocam, o fogo que percorre o corpo, faz ligar os espaços entre as pequenas sobranceiras, arranjo de nuvens, sol, árvores e folhagens rastejantes.

Seja você as folhas rastejantes, o sol, as árvores, as nuvens e as vastas montanhas firmes.



Entre flores que desabrocham sem desejos e sem perguntas, livres e delicadas pelos campos, enchem de suavidade os caminhos dos ocultos.

Como não olhar o seu estar no mundo? Nas montanhas firmes e fortes, as pequenas flores mostram a poética dos contrastes.

E os corpos, cujas sementes ora são flores, ora são montanhas, se constroem na sabedoria do mínimo e do máximo.

Sem os pequenos relvos e as pequenas flores, as montanhas seriam, aos nossos olhos, muito mais duras.

Toque nas pequenas flores com seus delicados dedos, eles também são pequenos corpos coloridos, em seus múltiplos movimentos, intensidades e formas.

No espaço do seu corpo, onde habitam várias dimensões e realidades, apenas sentir com as pontas dos dedos, com os dedos, o espaço entre os dedos, as palmas da mão, o dorso, nas diferentes formas, tudo que existe.

Que sua mão também seja o seu olhar, e assim cada parte do seu corpo.

Abrace com suas formas as delicadas flores, deixe-as pender nos espaços vazios de suas formas.

E assim, cada pensamento seu possa ser a ponta dos dedos que tocam as flores de seus movimentos.







E a mente que sutil se torna,  
deixe-se penetrar por essas mãos  
e por essas flores.

Fixa o seu olhar em outro olhar  
para que nunca esqueça desse  
semblante amigo.

Nada como o olhar para sentir  
a alma, assim como seus  
pensamentos que deslizam sobre  
a fisicalidade dos corpos.

Os movimentos mentais,  
emocionais e físicos quando são  
cavados de seus esconderijos  
revelam suas intenções ocultas.

E o fio condutor que tudo integra  
nada mais é do que você  
no outro.

Tenha coragem e deixe-se mudar  
pelo olhar que te observa e que  
a força do seu magnetismo  
banhado no sol de sua entrega  
possa ajudar a colocar pra fora os  
seus entraves.



Na terra que tudo brota, deixe seu corpo entregue.

Nestes apoios mais próximos, o corpo terra se mistura, quando nos tornamos horizontais a afagar o plano mãe dos seres vivos.

Se pisa diferentes formas e apoios, é porque tudo vive em mim em abundância. Relaxe o seu corpo neste deitar.

O deitar e o levantar são como a terra e as montanhas.

Por isso deite-se, entregue-se ao coração mãe, feche seus olhos e escute sua voz, mas também levante e erga sua verticalidade apenas por um pedaço do corpo.

Assim como as pequenas flores, os pequenos pés sustentam a possibilidade do caminhar.







Pode  
haver  
movimento  
na forma estática?

Se assim fosse, não haveria  
movimento na pintura,  
nem veríamos dinâmica na fotografia.

O corpo que é móvel se joga sem fronteiras.

Seu eixo se projeta no espaço, mostrando a verdade  
e a beleza dos desequilíbrios.

Sentir-se livre na beleza deste corpo, que quase voa e celebra o céu,  
é pisar com fluência e graça na terra firme que o sustenta.  
Agrupar-se. Retirada de vazios. Sólidos corpos.

Celebração de contrastes.

Parecem volumes, rochas, montanhas. É nos volumes que o pássaro voa.

Brinque com seu eixo, projete-o no espaço.

Onde você estiver ele fará sentir a felicidade dos voos.

Seja para cima ou para baixo, em várias posições e formas, a projeção do eixo leva o corpo a percorrer  
espaços vazios entre caminhos.

Agrupe-se em diferentes formas e viva a importância dos blocos grupais feitos de humanos a partir da compreensão da união através  
dos vazios e se entenda como um corpo único.

Corpo-árvore, você é fonte de vida.  
Onde está o seu corpo que não seja pisando  
na terra e sobrevoando o céu?

As suas raízes cavadeiras penetram  
as profundezas.

Sustenta o peso de seu tronco  
forte, em diferentes  
braços-galhos que acoplam  
e o tornam um habitat.

Vá às árvores,  
vá ao seu encontro.  
Não tenha limite para  
compreendê-las.  
Saboreie todos  
os sentidos e  
entenda-o  
dentro de  
você.



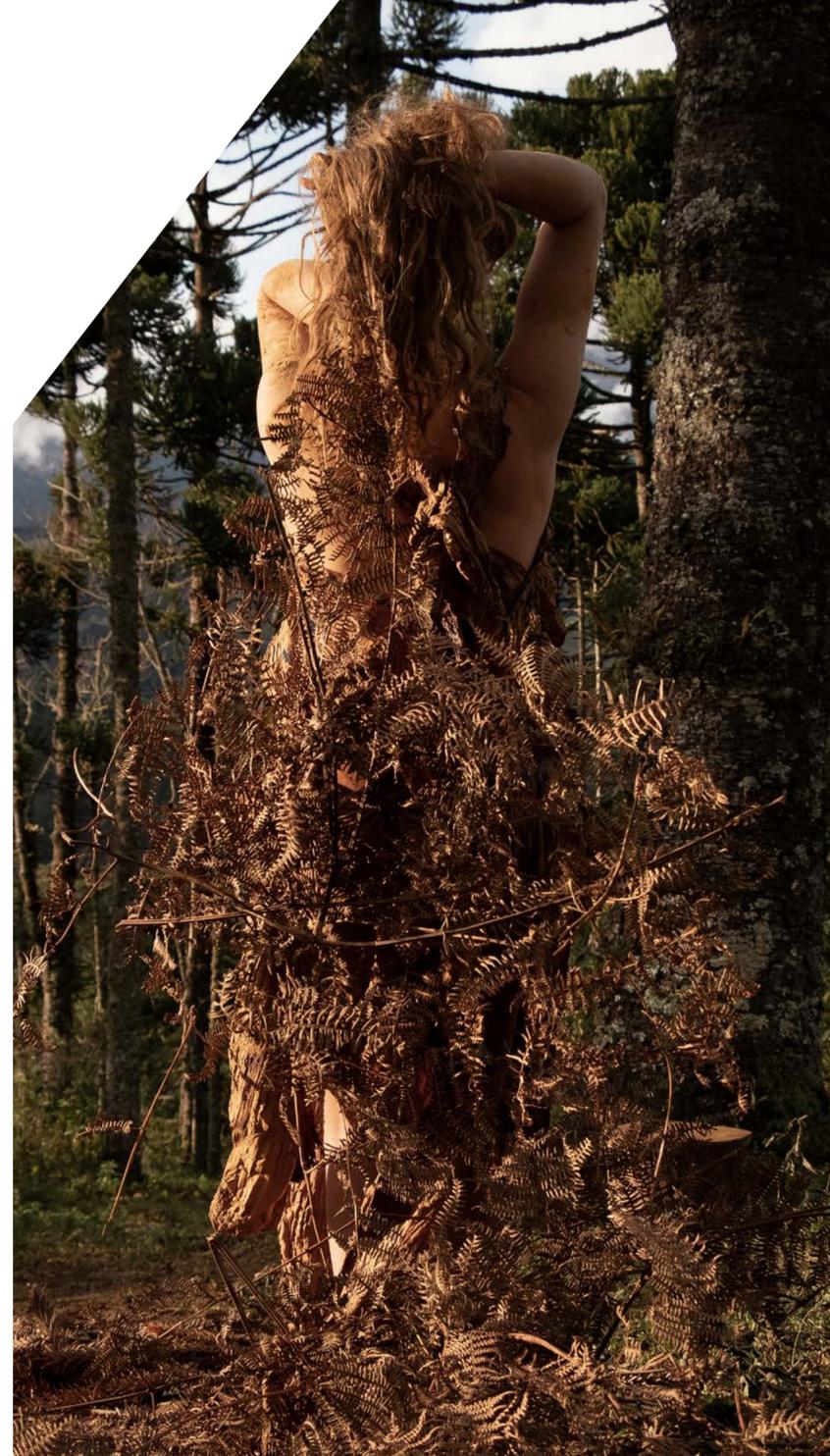
Mas não deixe de encantá-la com  
o criar de suas formas.

Nada como abraçá-la para resgatar  
a mãe das florestas.

Não pense que a sua sala de aula está  
entre as paredes, ela também está nas  
montanhas vivas com suas relvas,  
animais, pessoas e árvores.

Quanto pode descobrir de  
apoios e texturas, sustentações,  
recolhimentos?

Descubra o seu corpo  
na terra, nos troncos,  
nos galhos e nas raízes  
de uma das mais belas  
mães da natureza:  
a árvore.





Sobreposições e movimentos, linhas e texturas, mistura o corpo e trás sensações.

Nada como o duro, o pontiagudo, o áspero, para despertar os nossos corpos.

Como viver ausente destas sensações desafiantes?

Busque não só os corpos confortáveis, aqueles que tiram o espaço da vida e se acham urbanos em seus higienismos e nas suas distâncias dos ecossistemas.

Leve você para viver o céu, os insetos, os galhos pontiagudos, a terra úmida, os arbustos e as árvores estrondosas.

Experimente em todos os corpos naturais, movimentos criados a partir destas relações.

Afinal de cada instante, de cada dia, de cada semana, de cada mês, observe que você não é um indivíduo isolado.

Toda relação com a natureza desperta em nosso corpo - pensamentos e emoções - a própria natureza saboreada.

Nos tornemos fortes, mais saudáveis.

Mais energéticos, mais tranquilos, mais conectados, mais felizes.

É pouco provável que nós, seres humanos, quando nos é proporcionado viver criadoramente na natureza, fazendo dela também a nossa mãe, a nossa filha, a nossa amiga, possamos depois vir a matá-la.

Mas faça disto uma regra, uma constante. Seja visceral, atento. Lute.

A persistência, perseverança e as durações são raízes para os mergulhos criadores do espírito.

Falo de espírito, aquilo que é vida... e a vida sempre acolhe os seus vivos, em suas diferentes formas e relações.



Desperto com a sonoridade do vento matinal que promete uma calidez comedida.  
Olhos castanhos, verdes e negros, encham de cores vivas as expressões sonolentas dos corpos em repouso.

A clorofila aquece as veias humanas, renovando emoções e sentimentos.

Cada corpo balançava no seu próprio eixo numa progressão, por vezes lenta.

Ao sair para a expansão verdejante, cada ser, vira sua molécula e se embola na vibração cósmica.

Una e eterna.



Sua boca saliva ao notar cada nêspira amarela escorrer pela garganta.

Mas são os olhos que umedecem.

Os pés afofam a terra macia e desenharam abstrações jamais vistas.

Apenas sentidas pelo solo, pela relva.

Amassam em deformações as pedrinhas.

Aquelas pedrinhas que provocam desequilíbrios ao amassarem seu calcanhar.

Cada bordo do pé te impulsiona a seguir em frente, a redescobrir e reinventar cada atitude.

Expressar em pura poesia a criatividade no dançar enraizado no solo, florescendo no céu, frutificando e derramando-se na humanidade natureza.







Corpos na mesma direção e sentido, olhando com reverência aquela que os acolhe.

Revestidos e investidos, de folha, de lama, de ar, de mata.

Pertencemos ao lugar onde habitam os seres que protegem a humanidade.

Buscando o trajeto do sentido de união que leva ao seio da natureza.

Seu olhar não será único se for verdadeiro, seu caminho não será isolado se integrar diversas direções, seu movimento não será restrito se for integrador, seu conhecimento não irá se restringir a livros se você se colocar dentro da experiência.

E a sabedoria da unidade só surge à consciência quando olharmos todo o universo de diversidades em nosso coração.

E por uma vida de integração, respeito e acolhimento a toda diversidade: lutemos, sofremos, podendo até mesmo perder este corpo.



De certo não sou semente. Devo ser um broto podado.

As flores daqui usam espinhos para se camuflar.

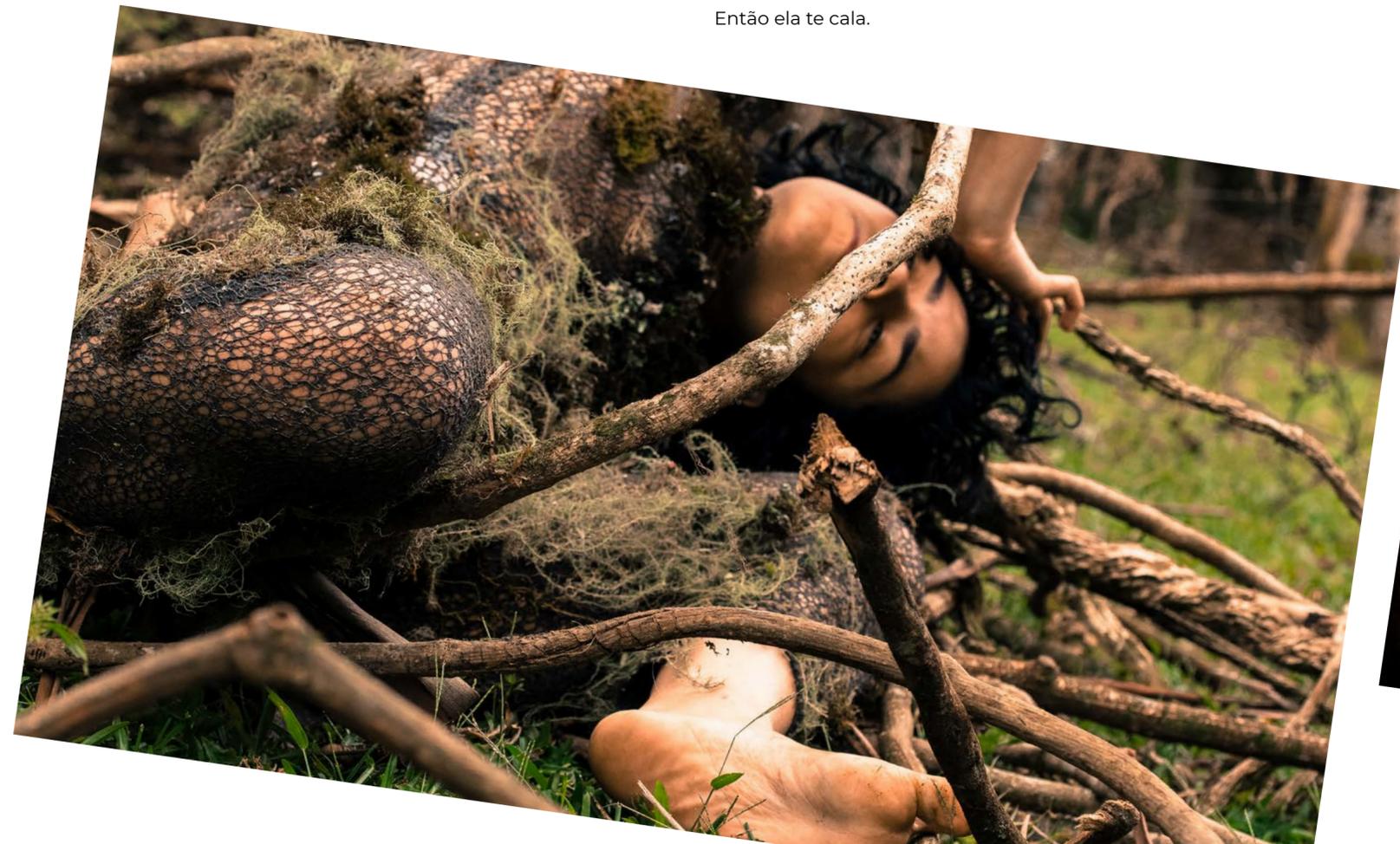
Em meio ao caos hipnotizante e lindo da mata, há a mais pura indiferença:

Não é desdém, nem medo; é parte de uma camuflagem de raízes tão profundas que fazem de suas ramas uma guerra, entre crescer mais e ir fundo.

Agradeço agora cada gota de chuva que regou a imensidão em mim.

A mata é todo. Suavemente agressiva.

Então ela te cala.





Formas amendoadas, curvas que se encontram e abrigam o globo que tudo vê.

Atendo olhar que integra nas matas a face que entre folhas se revela. Que vem entrecortada pelos desenhos das folhagens verdejantes.

O que está neste olhar que como noite tudo acolhe?

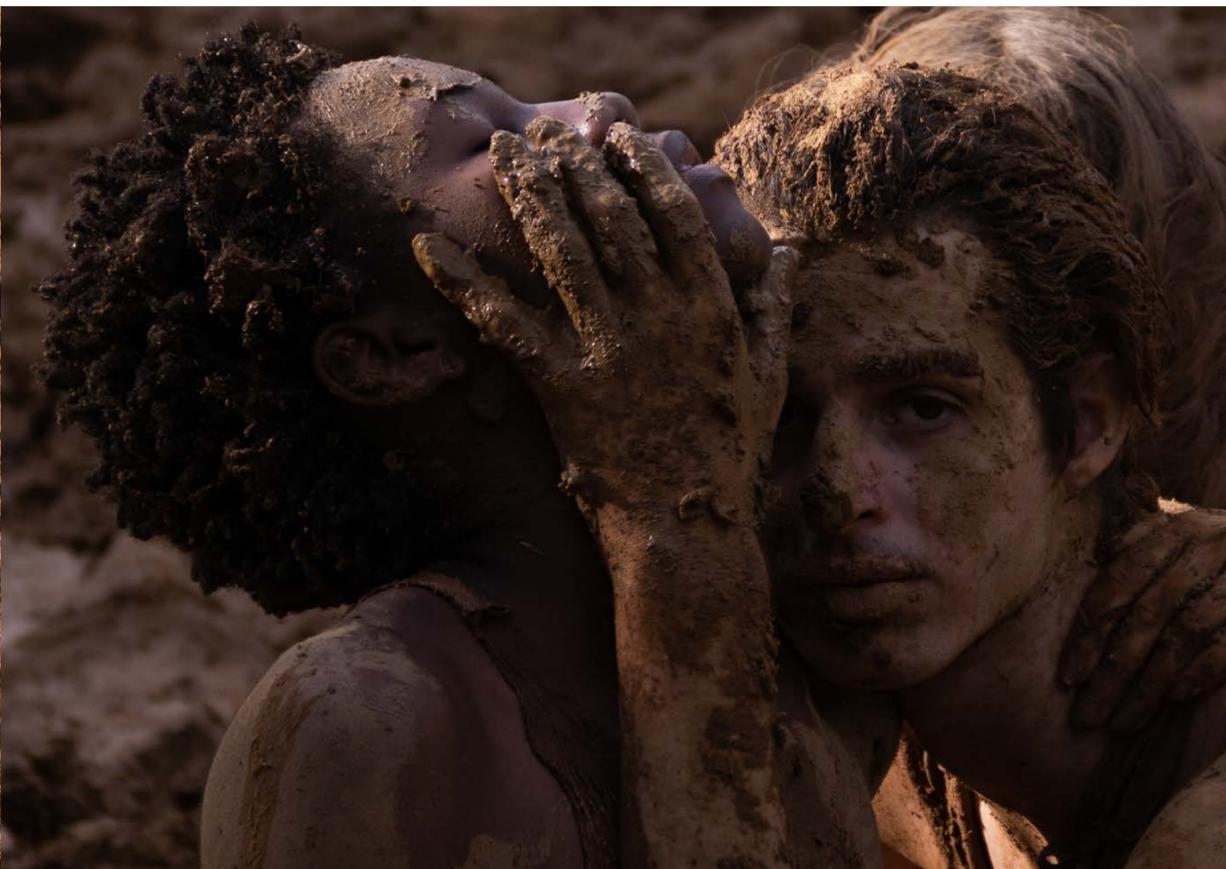
Nele está o repouso dos ninhos e o saber da terra, que a todos nutre, gerando ciclos intermináveis de vida. Neste corpo meio humano, meio vegetal, o olhar respira. Impregna seus conteúdos de existência nos vários corpos, que numa dança telúrica afirmam a poética das relações. Neste olhar de esfera, permeado pela circularidade, nos perdemos em nossas identidades. As formas híbridas enaltecem os encontros.

Vá a natureza; se possível não saia dela. Mesmo longe, se sinta perto. Observe com seu olhar atento, percorra seus desenhos, suas cores, seus movimentos.

Sinta-se pertencente nos seus corpos rígidos, ásperos, moles, viscosos.

Aprenda a interagir como se fosse seu próprio corpo.

E que seu olhar possa revelar toda esta poesia.



A similitude dos corpos humanos com outros corpos naturais - a raiz da árvore e a raiz do dente; os fios de raiz da árvore e os fios capilares; os troncos menores e os membros humanos; a árvore com seus troncos e copa. Humanos com seus troncos, membros e cabelo - desvela a partícula que somos - participantes de um único organismo vivo. Somos seres naturais, somos natureza.

Em nossos corpos entrelaçados, é possível reconhecer a unidade que formamos em nossa diversidade - anatômica e étnica - como também a unidade de sentidos que nos imbuí.

O registro de nossos corpos entrelaçados como um ser indivisível possibilita o entendimento da influência que cada corpo tem e recebe a partir das ações do todo.

Pequenas células que influenciam no funcionamento de um grande corpo. A sacralidade do acontecer da vida, o sagrado que se move, que nos move, que nos é.

Tronco-lama, pé na lama, mão cheia de lama.

Lama macia, cremosa, escorregadia, fria, envolvente.

Que reverte o meu corpo e me faz ser lama. Lama, que esculpe o meu corpo e o transforma em outro.

Corpos entrelaçados que se perdem nos encontros, recortes

que apontam novas formas em que se compõe os caminhos sem direções determinadas.

É o esconder e o revelar, formando mosaicos entre corpos, apoios, contatos e vazios.

Múltiplos devaneios do criar, sobre os moldes transgredidos de lama gelatinosa. Seu corpo não é um bloco.

Abra-o. Manipule-o. Experimente-o pela distribuição que se misturam.

Descubra os espaços que se abrem. Nesse processo de transformação contínua, seu corpo se apresenta entre a linha das intersecções e dos cruzamentos, dos pontos de escuta e de encontro.







O que podemos fazer, o que podemos revelar, o que pode surgir quando atravessamos os corpos e aproximamos as distâncias?

Criamos novas linhas, recortes de corpos, novos corpos. Se cruzam entre aglomerados vertidos e invertidos.

O que são esses novos pontos de contatos, intersecções, fortalecimentos, complementações, arranjos, a criação com o outro, em seus corpos, mentes e emoções?

É um ato político se reinventar na criação coletiva.

Árvores tombadas, raízes reveladas.

Corpos cortados, olhares penetrantes.

Quedas que não se erguem mais e aquilo que é oculto transparece.

Nos diversos pés que se prolongam e cavam delicadamente, em tempo prolongado, o destino da árvore.

Nesta horizontalidade que agora se instaura, após esse tombar que tira a vida pelos pés doentes que não suportam o peso.

Momento de entrega, onde aquilo que é livre se aprisiona ao beijo da morte nos braços da mãe-terra.

Neste desmanchar de um destino, outros vem a nascer. Forças vivas entre paralelos e livres sentidos, constroem na transição, a sua morada.

Que sejam humanos, vegetais e animais os seres que dela se aproximam, para transformá-la num palco dos destinos e poéticas.

Corpos, cuja casa é Gaia, se envolvem nos instantes transformantes, do qual hibridismo é a tônica da dança.

Se uma árvore tomba, aproveite para percorrê-la.

Experimente sua textura e sua dureza.

Componha seus corpos nas formas que nela se encontram.

Redescubra equilíbrios, penetre suas raízes, abrace, construa com suas linhas a história da árvore e nunca deixe de mostrar o nosso atento olhar.

Olhe seu pé.

Veja a força de sua pequenez ao tocar os arranjos da relva.

Trabalhe todas as partes do corpo neste chão cheio de surpresas.

Invente possibilidades que o atraia.

Fortifique-se nas novas possibilidades que surgem.



Como ficar indiferente a estas texturas ásperas, fortes e duras?

Por que precisamos estar integrados com a natureza?

Natureza da qual humanos fazemos parte; deixamos de lado de ser natura.

Nos tornamos "civilizados", engravatados, quadrados, padronizados e cinzas.

Criamos bolhas sufocantes onde a natureza se tornou algo a ser apreciado de longe, nos tornamos distantes da essência do nosso ser.

Acordar letargia no calor que esfria

Corre água, aquece o tempo

Enquanto o Sol principia

O afago do alimento

Sacralidade que renova

Corre água, doce momento

A caminhada inicia

Passos curtos, delicadeza vizinha

Corre luz, potencializa a vida

Fogo do céu

Passos curtos,

A caminhada...

A dor não dói

É vidro



É martelo

Vidro martelado

Corre água

Pedra salta e desliza

Corre espírito encarnado

Salta ser imbuído de vida

Corre água

Corre o tempo

Imersão cristalina

Corpo entregue

Humano em sua natureza

Corre água, doce momento

Passos longos, delicadeza vizinha



Olhe ao redor e tente entrar, mire um ponto e se entregue.

Aqui não há abandono, há pertencimento.

Esqueça toda sua voz.

As árvores têm muito a dizer.

A paz vem – no silêncio.

A aspereza que se adapta ao ambiente existente, se camuflando e se moldando;

a instabilidade a todo instante me desafiando em cada pequeno passo junto à gravidade.  
Ela me puxa para o solo proporcionando inúmeras quedas que se misturam com desequilíbrios e saltos.

O misto de direções.

Alonga os galhos finos ou grossos.

E entrelaça as perfeições da Natureza.

Por entre os corpos híbridos.

Os ossos se entorpecem.

No retorcer encadeado, rotação no anterior de coluna,  
protusão da cervical.

Repentinamente o ondulante, de um membro superior.

É o próprio peso do fruto maduro, envergando a rigidez da árvore.

É o próprio voo baixo do Jacú, e seu rastro de penas no ar.

As expressões faciais, rubras, retintas e pálidas; colorem de vida,  
a cena como as hortênsias da Mantiqueira.

Os dias brandos de inverno.

Os corpos rodopiantes. Numa convecção pura se colidem, se partem,  
se somam; tornam-se montanha, terremoto a partir do  
vibratório constante, do tremor agudo e das contrações.

Tanta energia que vibra.

Vibra e ressignifica os processos do mundo.

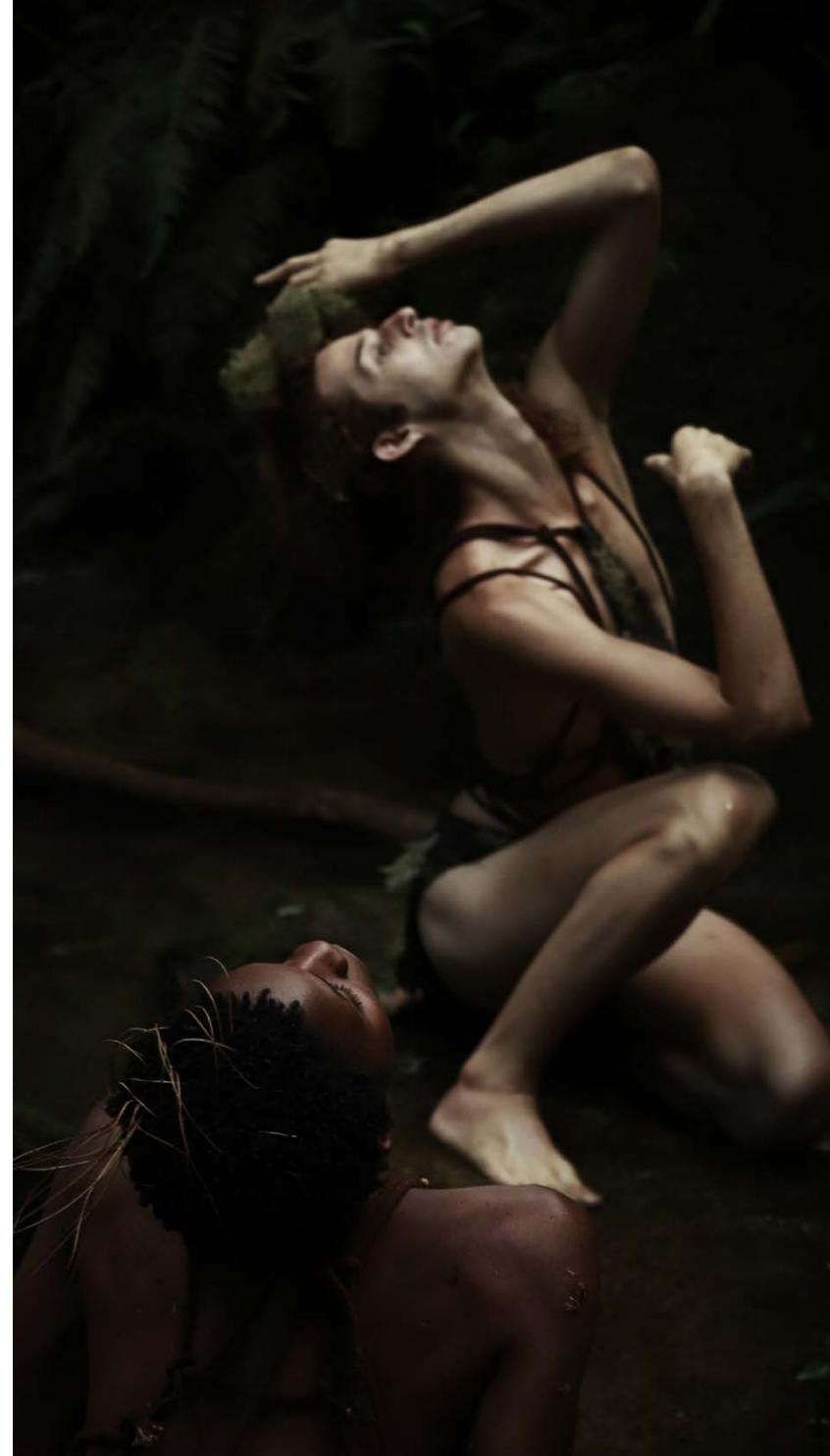
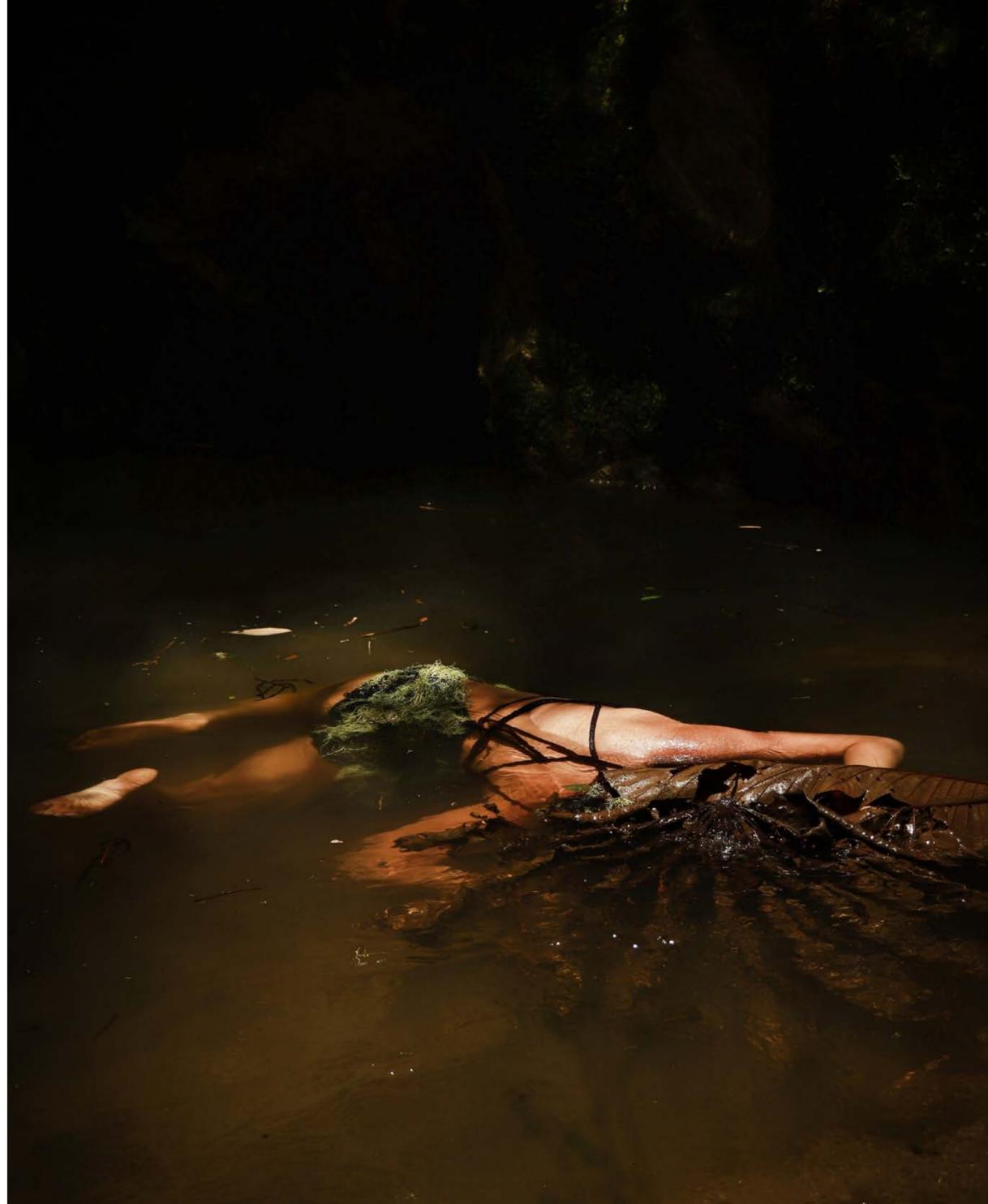
Energias que se direcionam.

Por fim, ao último suspiro:

Exalar consciente e bruto.

Que atira o corpo à terra e o semeia, e o germina.









Relativistic  
SOS

# Thaísa Faustino

Tenho 27 anos. Estou cursando a Licenciatura em Dança na UFRJ e faço parte do Projeto “Corpos Telúricos” desde janeiro de 2019. Cresci no bairro de Queimados, na Baixada Fluminense, em uma casa com um quintal cercado por arame farpado e plantas; de chão de terra, cheio de árvores frutíferas, bambuzal, ervas medicinais, flores, abelhas, borboletas, cigarras, minhocas, ninhos e casulos. Cresci dançando e cantando por entre as árvores, comendo frutas do pé, modelando barro e brincando de me vestir de folhas.

As noites eram envolvidas por ar puro que muito me inspirava poeticamente. Passei a denominar isto de cheiro da noite. Eu via aquele quintal como uma pequena floresta. Um local no qual eu me sentia inteiramente pertencente. Lá sempre procurava estar. Porém, embora me sentisse pertencente àquele lugar, percebo que na minha formação, muito me faltou ter noção sobre o meio ambiente. Diversas vezes me senti no direito de mexer, remover e até mesmo destruir manifestações de vida que diferissem da minha, dentro e fora daquele espaço. , e Acredito enormemente que a falta de uma noção integrada do humano com a natureza é o que leva a queima e derrubada de florestas, a contaminação das águas e a poluição do ar. Considero isto como um sinônimo de autodestruição.

Recebi uma educação rígida a qual, por muito tempo, me fez acreditar que humanos eram seres superiores e que a natureza estava para o nosso usufruto. Essa rigidez também se manifestava na proibição que eu tinha de sair de casa para explorar outros lugares naturais, como ir à praia ou à cachoeira. Só passei a fazer estes passeios, um com 19 e outro com 24 anos de idade. A segunda vez que tomei banho em uma cachoeira eu tinha completado meus 26 anos. Foi no “Corpos Telúricos” em uma improvisação que fizemos nas águas da Serra da Mantiqueira.

A minha participação no projeto tem sido acompanhada por um período de grande transformação nos meus hábitos alimentares. Também identifico mudanças no modo como me cuido ne na maneira como olho para o acontecer da vida em cada pessoa à minha volta. Acompanha o meu processo de constante afirmação e entendimento de ser natureza. De entender, cada vez mais, que tudo o que temos e somos é a natureza. E que também precisamos nos engajar em formas mais sustentáveis do viver. Participar do projeto também tem me tornado uma pessoa mais criativa na dança. O projeto vem permitindo-me ter um contato mais aprofundado com os Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp. Me sinto muito grata por, já no “finalzinho” da graduação, estar vivenciando tão intimamente a dança como uma expressão do cosmos. Hoje me sinto mais segura em apresentar minha dança ao mundo, ao mundo que eu danço, e, simultaneamente, me dança.

Minha primeira viagem com o “Corpos Telúricos” foi em janeiro de 2019. Tive a oportunidade de inaugurar a minha dança na natureza de forma plena. Dancei na água, dancei com árvores, dancei na lama e dancei com o vento. Dançamos na água em uma cachoeira com águas muito geladas. A primeira sensação que tive ao entrar na água, foi a de ter “facas” entrando nos meus pés. Eu realmente detesto sentir frio, e por isso, demorei muito a ter coragem para entrar na água. Depois que tive coragem, meu corpo ficou como que em brasas, incandescente. Meu frio passou e me senti livre para poder me movimentar.

A segunda vez que tive a oportunidade de entrar em uma cachoeira, senti que aquele ambiente me acolhia. Me permitir a realizar movimentações suaves e ondulantes, como estou acostumada. A água é um elemento que me envolve e me toma por completo. Desde criança, sempre tive fixação por esse elemento. Talvez pela restrição que tive, devido à escassez na localidade onde eu morava. Só pude usufruir da imersão nela, depois daa maioridade. A água é um elemento que nos preenche e nos envolve, como o ar. Dançar na água me possibilitou a manter a fluidez do meu corpo em uma velocidade agradável. Ser massageada por uma queda d’água também foi uma experiência muito interessante. A terceira experiência que tive de dançar na água foi ainda melhor. Embora fosse em uma cachoeira com menor volume de água, senti que minha movimentação permanecia tão fluida quanto a do primeiro dia.

Nas árvores foi diferente. Dançar com as árvores não foi uma tarefa simples. Precisei adequar a minha dança às formas e texturas que se apresentavam em cada tronco. Tive que ter muito cuidado para não esfolar a pele enquanto dançava. A casca da árvore e o solo podiam, facilmente, me machucar, e por isso; cuidei para que a execução da minha movimentação nas locomoções fosse controlada em relação à transferência de peso. Estas aconteceram tanto na base de pé quanto nas bases sentada e deitada. A base deitada foi a mais desafiadora, devido a locomoção que tive que realizar na superfície de um tronco. Aconteceram pequenos arranhões na pele após esta experiência.

A primeira experiência de dançar na lama foi pra mim a mais difícil. Senti muita dificuldade em perceber o meu potencial criativo naquele lugar. Num primeiro momento não me senti à vontade de ter o meu corpo completamente coberto de lama. Foi também difícil controlar o deslizar do corpo na lama junto com os outros participantes. Só me senti verdadeiramente à vontade de dançar na lama depois. Mas agora, o que continuava achando difícil era tomar um banho de ducha gelada para remover a lama após o ensaio.

Dancei com o vento! O vento sempre me afetou positivamente. A experiência de dançar com o vento foi para mim uma das maiores delícias que tive – senti o que é dançar na natureza - em natura. E o vento continua me emocionando, seja no frescor matinal, na nostalgia do entardecer, no romance que embala a noite e no mistério que circunda a madrugada.

# Yue Rodrigues

Os ramos que brotam de minhas formas hoje, se diferem de cada broto que já fui. Às vezes quando olho, não reconheço as estranhas sombras que se desprendem de meu corpo; mas ao olhar na água, de certo me encanto mais com o reflexo.

Com as palavras acima, começo meu relato com uma profunda gratidão em fazer parte de “Corpos Telúricos”. Acontece que sempre fui do mato. Nasci no interior do Rio de Janeiro, em uma cidade serrana pequena. Cresci com a benção de integrar meu corpo na natureza, meu pé na terra, minha pele às águas geladas dos rios e lagos, meu tempo nas tardes chuvosas cheias de poças para pular, fazer minhas diversas brincadeiras no sol manso das montanhas, andar por horas nas feiras de pequenos agricultores que sempre cheiravam (e ainda cheiram) a terra.

Tive uma infância feliz devido a todo esse contato com a natureza. Tenho muitos professores em minha família. Cresci recebendo grandes ensinamentos de todos. Destaco os de ecologia, biologia, literatura, afazeres cotidianos (cozinhar, plantar, costurar) e artesanato – estes últimos eram os meus preferidos. Foram os que eu mais guardei carinhosamente em minhas memórias.

Cresci também aprendendo a valorizar métodos de cura alternativos. Sempre tomava muitos chás e utilizava pomadas naturais. Estas terapias naturais davam tempo para o corpo se recuperar pelo corpo.

Infelizmente o acesso à diversidade das linguagens artísticas é muito escasso no interior. Mesmo amando a dança, cresci sem conhecer praticamente nada sobre ela. Por diversas vezes romantizei a vida artística, idealizei cada momento, apesar de achar que a vida de artista “não fosse vida pra mim”. Não tive nenhum ensino formal em dança na minha infância. O ensino formal em artes se resumia ao currículo que a escola se propunha a dar. Quando migrei para o sistema de ensino público, minha formação em artes ficou ainda mais precária. Portanto, mesmo trabalhando a criatividade com artesanato em casa, meu anseio por uma educação artística ficou restrita aos meus pensamentos e aspirações. Apenas aos 17 anos comecei a desenvolver meus interesses de forma mais livre e decidida. Passei a frequentar aulas de dança criativa em um centro de artes voltado à inclusão. O primeiro espetáculo que dancei foi em uma praça de chão batido de terra, com cenário ajustado entre as árvores. Sempre tive que tomar cuidado para não tropeçar em uma das raízes.

Neste centro de artes tive conhecimento sobre a graduação em dança da UFRJ. Até então eu desejava fazer biologia e trabalhar com ativismo ambiental. Decidir trabalhar com a dança foi difícil, pois almejei por anos viver como ativista. Não acreditava ser possível conciliar a dança com ativismo ambiental.

Ao ingressar na universidade, tive de deixar minha terra, meu povo com seus costumes; e todo o ritmo interiorano. Tive que me adaptar ao grande impacto (catastrófico) de viver em uma grande metrópole. Já não havia mais o verde ao meu redor para encher de esperança meus pensamentos. O barulho que ocupava e enchia meus ouvidos, agora era de vozes e motores e não mais dos cantos dos bichos, o sopro do vento e das águas do rio. O sol que tocava minha pele era ardido, sem o frescor no ar. Admito que doe – de diversas formas – não estava preparado em nada para este momento.

Ingressando na graduação em dança da UFRJ, comecei a entender o que era ser pesquisador. Mas ainda não tinha ideia de como fazê-lo. Assim que entrei pensei em desenvolver trabalhos sobre “a dança da natureza”, mas em minha ingenuidade achei o tema muito complexo e abandonei meu desejo. Uma criança de interior solta no meio de grandes lobos que tem fome de resultados rápidos. Meus processos eram outros, meu corpo era outro.

No decorrer do tempo, fiz uma disciplina chamada “Roteiros e Improvisações I” ministrada por Ana Célia Sá Earp. Ao fim desta, recebi o convite para conhecer o “Corpos Telúricos” em uma viagem à Visconde de Mauá. Me empolguei muito a princípio, pois finalmente eu viveria as possibilidades que um dia imaginei fazer. Me iludi ao achar que o pequeno grão era a totalidade da imensidade do deserto (e as rochas de rio? E as gotas de orvalho?) – me iludi por subestimar algo tão poderosamente grande. Logo na minha primeira viagem - que aconteceu nos meses de julho e agosto de 2018 - comecei a entender que toda a relação com a natureza transcende os entendimentos normativos racionais.

Passei quinze (15) dias intensos (na época eu estava sem celular) não tinha intimidade com ninguém que estava presente. Lembro de me sentir como uma “ratinha acuada”. Tem laços que as palavras não conseguem descrever; laços assim são os que foram construídos em “Corpos Telúricos”. A falta de proximidade não limitou em momento algum, pelo contrário, o grupo como um todo sempre se unia para que a força coletiva criasse um ambiente harmonioso. Atualmente, ainda guardo com carinho cada rosto que observei de perto na primeira viagem. O coletivo se pautava no cuidado ao próximo. Numa sociedade em que o instinto “farinha pouca, meu pirão primeiro” reina, vivi dias de cautela e respeito ao corpo, a verdadeira exaltação do sagrado existente em cada individualidade. Em cada vivência fora do cotidiano urbano, os desafios que surgiam eram resolvidos no coletivo, na busca do bem maior (sem a romantização de trabalho em equipe) mas havia uma integração.

Em agosto de 2018, dancei a experiência mais extrema da minha vida. Havia a proposta de dançar em um morro de lama, as

fotografias deveriam ser tiradas logo no início da manhã nos primeiros raios de sol. O figurino era composto por um short curto e a pintura corporal era feita de argila molhada. Estava chovendo e era inverno na Serra da Mantiqueira. O grupo estava todo praticamente paralisado de frio. Os processos de contatos e apoios são diferentes no deslizar da lama, cada base se faz e refaz em um diálogo único entre corpo e chão mole. Na relação de grupo, o corpo se torna espaço, por onde outros movimentos brincam de variar. Toda vez que não entendo (racionalmente) uma foto tirada na lama, eu sinto a plena integração com a terra. Vejo hoje que o ser não existe sem unidade na matéria. Dessa forma, o cuidado que se construiu entre os dançantes se dava na esfera primitiva do instinto - a resposta corporal atravessava todo e qualquer laço de proximidade e se unia através da dança. Neste exato instante, entendi a frase “eu sou em dança”. Após cada ensaio fotográfico, tomávamos uma ducha gelada para retirar a lama. Não sentia mais absolutamente nada da minha pele. Lembro de sentir a força da água me empurrando para baixo, mas não o toque dela em mim. E durante a fila para o banho quente, nos agrupamos coletivamente na lareira, nos abraçamos para o aquecimento coletivo – o cuidado se dava no olhar, era palpável. O fogo da lareira doía pela intensidade, mas o calor já não era do meu vocabulário corporal. Definitivamente foi a experiência corporal em dança mais intensa que vivi – foi lindo. Esta vivência não só me amadureceu artisticamente e profissionalmente, mas também me integrou de volta à natureza que eu tanto prezava. Ter vivenciado isto, mobilizou “locais” internos que antes eu não entendia e não sabia como acessá-los.

Logicamente a viagem não se resumiu apenas a lama e ao frio. Tivemos diversas refeições em coletivo, realizamos diversas rodas de conversa, fizemos laboratórios em diferentes locais da região e fotografamos em outros ambientes. Algo sempre importante foi a alimentação. Como parte da proposta do projeto, cuidar do corpo é parte de uma ecologia profunda. Em todas as vivências, tivemos atenção com a alimentação. Há restrições quanto a coisas danosas a saúde. Sempre há uma enorme variedade de frutas, legumes, verduras no cardápio. As receitas são saudáveis com opções vegetarianas e veganas. Para as pessoas que comem carne tivemos truta e frango, além de sucos, chás naturais e água direta da fonte. Há um rito que é realizado, como parte da integração. As refeições são realizadas no mesmo horário, para que todos comam juntos. Pelas manhãs, o primeiro alimento ingerido é um copo de suco verde; após o jejum da noite, é importante que a primeira refeição do dia, seja feita com algo rico para o corpo. Há um rito que é realizado, como parte da integração. É feito uma roda com todos, com os alimentos no centro, então canta-se uma canção em Guarani de agradecimento ao alimento (Tembiu Porã). A visão é que o alimento é muito mais do que algo que sacia nossa fome física.

Além da canção, cada integrante pega um copo de suco e dá para uma pessoa, juntamente com um abraço afetuoso – dessa forma ninguém se serve, todos são servidos. Trabalhamos a abdicação de egoísmos. Tais ensinamentos são transmitidos de forma horizontal, com muito diálogo e abertura.

A questão da “bioenergética” ultrapassa a alimentação e vai ao encontro de uma ampla percepção de mundo. Sendo mais ricamente trabalhada no convívio diário com a flora e fauna nativa, além dos próprios animais do sítio. Atualmente (2020) são 13 cachorros, 04 gatos, 03 cavalos e 01 pombo – todos receptivos à cuidados e interações. Este fato só é possível pela maneira abrangedora em que todos são criados. Os cavalos, por exemplo, vivem soltos pelo sítio, são tratados com mimos por todos participantes. São escovados, recebem cenouras, maçãs e batatas-doces (alimentos preferidos de cada cavalo). São alisados e acariciados com frequência. Para andar a cavalo, há toda uma preparação. Primeiro faz-se contato com o cavalo, somente depois de haver uma sintonia é que passa-se a montar. Aprendi a andar a cavalo da maneira mais poética e integradora possível no projeto com as instruções de uma participante. Entendi a relação não abusiva entre cavalo e cuidador. Ao andar, senti a plena conexão, minha coluna e bacia se conectavam a cada movimento do cavalo, sua respiração exalava o ar com a intensidade do vento no rosto – naquele pequeno instante, senti a plena felicidade e liberdade. Ao descer, quem montou deve retirar a cela, dar o legume preferido do cavalo, escovar seu pelo e agradecer. Dessa forma não há exploração, há uma troca – sendo até mesmo revezado esses papéis, já que ao me carregar, Trovão (o cavalo) estava gentilmente cuidando de mim. Ressalto que não há a obrigação de nenhum participante cuidar dos animais do sítio, mas vejo como parte importante da estadia, ajuda a gerir e integrar todo o corpo na dinâmica do sítio e do projeto.

Além dos animais “domésticos”, há a livre circulação de animais da fauna local e dos insetos da região. Lembro de sempre fechar toda a casa ao entardecer, quando estava na casa da minha avó ou do meu pai, para que nenhum inseto entrasse. Logo em meu primeiro dia estranhei deixarem toda a casa aberta, mesmo no período da noite – fechando apenas por causa do frio, na hora de dormir e para impedir que os cachorros entrem. Estranhei a permissão da entrada de insetos e até me causava certa aflição pensar em tudo tão livre. Por diversas vezes levei sustos com “criaturas voadoras aterrorizantes” que na realidade eram apenas pequenos seres inofensivos e que se diferem tanto das formas socialmente entendidas como belas, que são mal compreendidos. Nunca fui machucada por nenhum bicho em um total de 1 ano e meio de participação, e fico feliz em afirmar que atualmente me incomoda estar com a casa fechada. Já não sinto medo das “horripilantes criaturas” e entendo o toque delas na pele como um pequeno traço de ligação. Ao caminhar em

mim, um besouro ajuda a me sentir mais pertencente à natura. Começo até a superar minha maior fobia - aranhas. Em uma das viagens, dançamos em uma mata virgem (nunca tocada pelo homem). Lá tem um pequeno córrego por onde nosso roteiro se desenvolveu. A única intervenção humana foi a abertura do espaço feita através de enxadadas, em poucos trechos de mata mais fechada. Após a mata ser mexida, as diversas aranhas que se escondiam ou tinham tocas pelas proximidades saíram agitadas e muitas ficaram às margens justamente no dia das filmagens e das fotografias.

O medo me pegou em seus braços e me pôs para dormir suavemente. Em silêncio chorei, paralisada; A encontrei despreocupada em um universo que não recebia grandes toques de nada que excedesse o próprio universo. Sua beleza era majestosa e sua postura imponente. [...] Era uma simples armadeira. Todo o desafio da desestabilização de meu próprio fazer artístico se deu em um corpúsculo de oito patas magras.

Acontece que estar frente a frente com seu maior medo mexe com sua cabeça. Tive todo o suporte de minhas parceiras de dança, todas com muita cautela e preocupação, ainda tive uma longa conversa com a coordenadora (Ana Célia Sá Earp); fui instruída a não permanecer nos esquetes daquele local e seriam pensadas outras cenas em que eu pudesse participar. Mas não era meu objetivo, ainda não é. Considero parte de minha qualificação enquanto artista (que se propõe a abertura com o mundo) estar disponível e conseguir integrar as mais variadas propostas artísticas – principalmente as que se ligam à natureza. Ao ficar paralisada em cena, toda a criação coletiva se prejudicou, logo as pressões internas se ampliaram. Meu corpo já não era mais meu, eu era apenas fruto do medo. Dançar em convívio com uma grande fobia - dançar com qualidade, por inteira - significa transformar a falta de domínio sobre o corpo, em arte. Infelizmente ainda não alcancei tal precisão, porém o projeto sempre se apresenta como fundamental para a quebra de medos, já que nele eu tenho o auxílio dessas rupturas com conhecimento aprofundado sobre o assunto e a poética do encontro com o desconhecido resguardando cada passo meu.

O encontro com o desconhecido e a prática de imersão facilitadas pelos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp, me possibilitou um mergulho intenso na ecoarte. A dança se faz em tudo. O movimento integra tudo. Tais princípios, mesmo que vistos na graduação em dança, ainda são escassos de serem compreendidos. O tempo e as diversas demandas que “fazem parte” de estar em uma faculdade, impossibilitam que os estudos sejam aprofundados. A maior parte de meus conhecimentos sobre a conexão da dança com tudo, passei a entender em Corpos Telúricos. Os esquemas de aula, as conversas, reflexões, ensinamentos, ações do dia e todo o convívio as práticas ecoperformativas, foram primordiais para

meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Após conhecer e entender melhor os Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp, me encantei ainda mais por Helenita, uma eterna Mestra. Seus frutos se dão através de seus alunos – certa vez, durante uma gravação, uma Mutuca (mosca que deposita berne) pousou no braço da Ana Célia; todos criaram uma expectativa de que em um movimento rápido ela iria esmagar a mosca – visto que em um enorme calor, todos tinham que ficar tapados com blusas de manga e calças, justamente pelo risco de pegar berne; calmamente ela pegou a mosca pelas asas e teve um pequeno diálogo com ela, de certa forma brigando carinhosamente pela Mutuca tentar por ovos de berne em sua pele; ao fim do diálogo, Ana lançou a mosca ao ar, deixando ela retornar a mata. Todos riram da situação e à questioneei, ela falou sobre a natureza da mosca ser essa, e que não deveríamos tentar alterar a natureza de algo só por não nos satisfazer.

Portanto, “Corpos Telúricos” não é “relaxamento e sentir a natureza”, não é uma colônia de férias, uma escola de veganismo, não é um grupo de “naturebas”. A visão limitadora que há sobre a relação dança e natureza só contribui para o afastamento do corpo de seu estado mais primitivo. Dançar em “Corpos Telúricos” sempre é desafiador. A dança de maneira geral, se transformou em um conjunto de pequenos confortos – por vezes me parece que há a intenção de não fazer esforço algum. Adentrar na mata, dançar na lama, manter a fluidez em águas geladas, trabalhar diferentes contatos e apoios em superfícies que não são lisas e macias; fazem parte da proposta do projeto. Creio que toda pessoa que pesquisa a dança, deveria fazê-lo de maneira abrangente, para que nunca encontrasse limitações. Uma dança que encontra impossibilidades se faz uma dança finita, sem a variedade nem diversificações. A dança de Helenita é toda contrária disto. O corpo deve ser infinito em suas próprias possibilidades e correlações.

As marcas de minha pele denunciam uma distância que passo a passo causei. Não vou culpar cidades, pois cidades não definem início, meio e fim. A distância se originou em mim, em meu estado de inércia e preguiça, em minha falta de apreciação e de busca por valores que dependem de esforços por serem tão abrangentes. É trabalhoso estar em plena harmonia com a natureza.

Com esse pensamento, as aulas desenvolvidas e os processos laboratoriais, de criação de cena e de apresentações (ensaios fotográficos e vídeodança) sempre são diversos e plurais. Atualmente, há resultados artísticos sendo apresentados. Estes processos foram muito trabalhosos em suas minúcias. A equipe sempre teve de estar integrada para que tudo pudesse fluir. O contato com a natureza nunca se dá de forma superficial. Durante o processo de montagem de cada trabalho, toda

manhã acordamos muito cedo e após o café da manhã fazemos aula em algum local da natureza. Algumas vezes fizemos junto da mata e outras em cachoeiras, por exemplo. Seguido da aula, há um estudo, com foco nas possibilidades dos trabalhos a serem desenvolvidos. Cito como exemplo alguns esquemas realizados na viagem que aconteceu entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020, onde a aula foi feita na base baixa com os seguintes temas pensados para meu próprio solo:

-Na base deitada realizar acento para cima – seguido de uma suspensão – então um acento para baixo; repetir alternando a base e os níveis.

Na base combinada mãos e pés em decúbito dorsal, explora locomoção utilizando ondulantes nas partes, com entrada de força nas lateralidades – variando a forma até mudar a base.

Na base deitada em decúbito lateral, utilizar apenas movimento conduzido, com variações de intensidade e velocidade (porém sem nenhum acento ou potencial) – até mudar para base sentada.

Na base sentada, movimento balanceado de parte isolada, sucessivo de balanceado de outra parte isolada – suspensão da força e velocidade – abandono do corpo com contato mudando a base – repetição.

Tais esquemas enriquecem nosso vocabulário corporal, de modo que, quando entrarmos na criação das cenas e dos roteiros, o corpo já “entenda” algumas de suas possibilidades de acordo com algum tema a ser desenvolvido. Seguido do estudo destes temas, realizamos uma pausa para o almoço e depois o descanso. Depois durante a tarde, voltamos para trabalhar na montagem das cenas coreográficas de acordo com os roteiros explorados nas improvisações e laboratórios de pesquisa de movimento feitos com objetos da natureza.

À tardinha (após uma pausa para comermos) ensaiamos baseado em nossas criações. Em dias de gravações ou ensaios fotográficos, é feita uma rotina semelhante, porém seguindo um cronograma mais preciso com as especificidades do horário de cada atividade prevista, mas sempre realizamos as aulas e laboratórios antes de entrar no set propriamente dito. Nas noites variamos entre aprofundamentos direcionados e atividades diversas, como criação de escritas poéticas, poemas, cantorias livres, rodas de conversa e criação de desenhos relacionado as artes.

Estar imersa em um universo tão ricamente artístico e integrado cria em mim um estado pleno de harmonia entre natureza e arte, onde consigo desenvolver minha dança com prazer; o cansaço é balanceado com relaxamento e paz de espírito. O corpo descansa em seus próprios movimentos. Não há uma

cobrança abusiva, não há desenvolvimento de ansiedades, muito pelo contrário – quando estamos mal, sempre há uma conversa, uma pausa, uma solução. Sou muito grata em fazer parte de algo tão artisticamente rico; o estado de espírito criado pelos Fundamentos de Helenita me imergem na Dança verdadeiramente plena e integrada.

Em meio a natureza crio movimentos e desperto poesias em partes isoladas e combinadas que carinhosamente se alocam em paus e pedras; os arranhões e insetos que invadem meu corpo me fazem perceber que tudo é vivo, vívido. Não vanglorio o caos urbano da “espécie mais desenvolvida do planeta”, não me sinto superior por lançar meu corpo ao que é natural, me entendo como parte – parte de um todo e parte isolada com meu todo próprio. O que crio em dança é fruto do que vivo, quando vivo integração com a natureza, desenvolvo uma arte Una. Tal motivação se dá constantemente em estímulos mínimos, como o pequeno bater de asas de uma libélula que corta a aula, ou o cair da chuva que refresca o corpo em uma sequência de saltos. Em “Corpos Telúricos” entendi a própria calma que habita em mim – a transformei em Dança; juntei os movimentos integradores e a cada dia tento distribuí-los pela vida. O tempo se presentificou em minhas partes para que eu escutasse mais o princípio Uno que nos rege. O projeto pegou o que há de mais honesto em mim e corporificou em meu próprio corpo.

Sou grata a cada Fundamento de Helenita Sá Earp - que me deu vida, em meio a minha própria vida.

# Yasmin Moreira

Semente que germina do movimento, que se entrelaça transcendendo ao estado mais pleno da forma, que se transborda, mistura e espalha se reconectando ao primórdio.

Meu contato com a natureza começou bem cedo na casa da minha avó paterna onde havia um quintal vasto e verde, com muitas árvores. Eu costumava subir para brincar ou pegar frutas. Uma das brincadeiras mais frequentes era imitar sons e trejeitos dos animais. Apostava corrida de quatro apoios e escalada nas árvores. Então de certa forma, sempre mantive algum tipo de ligação com a natureza. Com isso creio que para manter um melhor ambiente é significativo esse tipo de educação desde a infância. E assim crescermos como indivíduos engajados em uma sociedade que proteja o meio ambiente em que vivemos.

Conheci o projeto “Corpos Telúricos” em julho de 2018. O projeto envolve contato, pesquisa e imersão na natureza a partir dos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp.

Uma das iniciativas que esse projeto propõe é a conscientização a partir da dança de colocar nosso corpo como parte do ecossistema. Mostrar que somos a natureza e que pequenos atos já contribuem na preservação.

Na minha primeira viagem a Mauá, era inverno e a maioria das experimentações corporais foram feitas em temperaturas baixas, abaixo de 10°. O foco era fazer ensaios fotográficos. Para isso, os primeiros dias foram pontuados com uma rotina de alimentação saudável e de laboratórios de integração de grupo na natureza.

O primeiro cenário para as fotos foi uma raiz enorme de uma grande araucária que havia caído no terreno e que estava com base cheia de lama. Nós intérpretes usávamos apenas um mini short e um top, com pinturas de argila branca no rosto, nos pés e nas mãos. O contato do corpo seminu com a chuva foi, para mim, o primeiro obstáculo. O corpo tremia freneticamente enquanto nos movimentávamos. O segundo obstáculo foi estar na lama, que estava muitíssimo fria e cada movimento deixava o corpo mais denso. Apesar dos incômodos, havia uma força muito grande para se manter ali e criar.

A experiência da montanha foi um pouco menos densa, o frio ainda estava presente, mas a chuva havia dado uma trégua, o figurino era composto de um tecido dourado que lembra folha secas. O espaço estava rodeado de árvores, pequenos troncos, palha e pinheiros onde interagi com esses elementos e com os outros intérpretes.

No último dia da viagem, antes de irmos embora, houve mais uma sessão de fotos onde experimentamos ainda mais interação de grupo. O figurino era composto por folhas, flores, galhos e lã, foi todo feito no corpo de nós intérpretes. Entre duas árvores trabalhamos eixos com tecidos, contatos e apoios,

houveram momentos solos onde estive dentro de um arbusto realizando movimentos lentos com entradas e sadias da pequena árvore.

Retornamos à Mauá no fim de janeiro de 2019 com mais sessões de fotos e iniciamos a gravação de algumas videodanças. Recuperamos as cenas da lama e da montanha, com laboratórios mais profundos de observação e decapagem de movimento. Iniciamos novas pesquisas no rio, buscando as possibilidades das locomoções na água e no entorno dela, trazendo no corpo o movimento do rio. Variávamos da leveza a movimentos bruscos, formas onduladas e contorcidas, a areia que escorre com o córrego, as pequenas sutilezas que muitas vezes ficam desapercibidas.

Voltamos à Mauá no fim de julho de 2019. Recobramos os estudos sobre movimento e lama, detalhando ainda mais a pesquisa de movimento neste ambiente. Estar na lama não é mais tão incômodo para mim como foi da primeira vez. Por estar focada, eu e o grupo, em fazer o melhor possível, os resultados foram evoluindo a cada dia. Conseguimos imagens repletas de movimento e vibração.

A criação no projeto surge, principalmente, a partir da relação corpo-ambiente. Com os Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp, aprofundamos nossas pesquisas e vivências através de aulas de dança feitas ao ar livre. Temos ensaios em contato com a vegetação e com animais. Realizamos diversos laboratórios em ambientes atípicos, em baixas temperaturas; e isto, nos leva a ultrapassar limites. Muitas vezes temos que superar nossos próprios medos e fantasmas.

Apesar das dificuldades climáticas e dos locais desabituais, a infinidade de possibilidades nesse ecossistema nos levou a um estado de criação plena e profunda, onde cada pequeno detalhe compõe algo maior e importante.

Em meio aos processos de imersão, montamos algumas performances. Na mais recente, incluímos esculturas feitas por um artista local, Fernando Fleury.

Em 2019, depois de tantas descobertas e aprimoramentos, iniciamos a montagem da performance 'Corpos Híbridos', onde utilizamos toda a experiência adquirida nas viagens anteriores na montagem de cenas que transmitissem essa conexão entre o ser humano e a natureza. A performance utiliza esculturas feitas de troncos de árvores. A primeira apresentação de “Corpos Híbridos” foi no Mauástock, um evento em homenagem aos 50 anos do Festival de Woodstock.

Com uma das esculturas, meio arredondada com raízes entrelaçadas, trabalhei a capacidade de envolve-la e movê-la da forma mais orgânica possível, fazendo dessa escultura, uma

extensão do meu próprio corpo.

Por sermos um grupo pequeno e já estarmos um tempo considerável atuando juntos, a cooperação é um dos pontos principais. A força do conjunto facilita nossas performances individuais. Superamos as adversidades como um grupo. É um projeto extremamente rico que possibilita uma intensa experiência artística que nos faz também refletir sobre nossa própria evolução como ser humano. “Corpos Telúricos” não é apenas entrar na lama fria, é compartilhar energia e gerar afetos.

# Ananda de Sá Earp Meyer

Me encontrei junto às praias, ainda com meses de vida. Livremente pela areia da orla, engatinhava solta, explorando suas texturas e formas. No mar, fazia a partir dos ensinamentos de minha vó, brincadeiras lúdicas e criativas: misturando abordagens figurativas e abstratas, como: “mergulho parafuso, roda-roda que salta como raio, virando estrelas”. Isso me fez ficar muito íntima do mar, me fez poder explorá-lo com muito mais confiança.

As cachoeiras e os rios, me foram parte desde sempre. Quando íamos ao sítio, explorávamos os rios pelas pedras, imitando as libélulas, os sapos, as cobras. Dessa forma, me acostumei às águas geladas da montanha, me sendo confortável ficar no clima frio sem agasalho algum.

Ainda pequena, já tinha tido experiência com todo tipo de bicho. Aos dez meses de idade, andei a cavalo pela primeira vez, atada à cela pelo canguru da minha mãe. Minha cadela havia tido uma ninhada de filhotes, que foram os cachorros da minha infância. A partir deles, pude cuidar de vários animais, e passei a desvendar um pouco mais esse lado da natureza, de respeitá-los, de ter compaixão por eles, de sempre estar em afeto com eles. Uma imagem fantástica da minha infância, é a cena do galo adormecido em cima do cão, que por sua vez, dormia em cima do cabrito, dentro do galinheiro. Acordávamos cedo, com o sol nascendo, para ir ao curral, beber leite fresco. Eu tomava meu café da manhã em meio aos bezerrinhos e outros animais da fazenda.

A alimentação também era integrada na natureza. De manhãzinha, bebia suco verde e leite de castanhas com banana e frutas secas. O almoço nunca deixou de ser um prato de salada verde, antes dos legumes e grãos. Fazíamos diversas receitas nutritivas: quibes vegetarianos, tortas vivas, pratos crudívoros.

Estudei na Waldorf, pedagogia que visa a formação de um indivíduo completo e autossuficiente. Logo, fez parte do meu aprendizado os trabalhos manuais, a marcenaria, o circo, o instrumento, o canto, o teatro, a eurritmia, o desenho, a pintura, a jardinagem... e assim por diante. Além de tudo isso, o processo de aprendizagem era enriquecido por histórias do imaginário popular brasileiro e internacional. Nós montávamos nossos próprios cadernos de matéria, com desenhos, caligrafia e o conteúdo da lousa e nossos brinquedos, muitas vezes eram confeccionados por nossos pais e professores.

Quanto aos ambientes espirituais, frequentei sempre locais que tinham como base o estudo e a prática de místicas comparadas. A partir dessa visão ampla e unificadora, estudei as filosofias e ensinamentos de diversas religiões e mestres, acatando cada vez mais seus ensinamentos e princípios, que não se diferem

em seu cerne, como por exemplo o amor ao próximo, agir com desapego, etc.

A potência dessa trajetória, dinamizou em mim uma maior capacidade e receptividade de participar e desenvolver pesquisas ligadas à dança e natureza.

O Projeto “Corpos Telúricos” teve seu início quando eu ainda era pequena. Participei apenas observando a relação da arte com a natureza. Anos depois, o projeto foi retomado, desta vez participei como integrante. Percebi, que toda a minha trajetória imersa na natureza foi essencial para a formação de um corpo muito mais disponível e integrado com as diversas manifestações e variações desta natureza; selvagem e elementar.

Na primeira viagem, eu e mais dois integrantes experimentamos diversos materiais naturais espalhados pela mata numa relação de movimento, natureza e fotografia. Foram experimentações mais abrangentes; um apanhado geral, um estudo mais amplo sobre a dança do corpo como complemento das formas das árvores, retilíneas ou retorcidas, que poderiam ser uma extensão do corpo, ou uma contraposição a ele; da ondulação das águas, do atrito dos ventos, dos jogos de luz e sombra. As folhas secas foram o enfoque: estavam aglomeradas, com meses de decomposição. Uma grande morada da biodiversidade da Mantiqueira. Não foi muito usual, dançar com insetos, espetos e larvas. Na construção de movimentos conectados a essa esfera da natureza, houve uma grande desconstrução em nós, que estávamos excessivamente urbanizados. Essa experiência, com certeza foi a iniciação de corpos realmente telúricos.

Depois dessa sondagem inicial, vieram mais intérpretes criadores, mais artistas plásticos, mais fotógrafos. A pesquisa do corpo ambiental de Helenita Sá Earp começou a se concretizar, através de análises, improvisações e roteiros realizados durante toda a estadia. O foco desta viagem, foi fazer laboratórios de movimento no rio: nossos corpos resistindo ao gelo das águas, sendo moldados em formas topológicas pelas fortes correntezas como uso de: a) submersão de partes nas águas e b) exploração da rigidez e potencial das pedras em meio à fluidez do rio. Foi um processo de extrema conscientização corporal, para vencer o frio ou se apropriar dele, nas movimentações, ora impulsionadas pelo tremor involuntário, ora conduzidas para um relaxamento, que vinha sutilmente.

A terceira viagem, foi um aprofundamento de contatos e apoios, com diferentes tipos de tecidos: uns suspensos por árvores frondosas, outros em meio à raízes e arbustos. Nessa relação de corpo, objeto e natureza, trabalhamos a partir da disponibilidade corporal de cada intérprete; movimentos aprofundados em aulas técnicas dos Fundamentos da Dança. Os diferentes tipos

de tecidos, contribuíram para diversas pesquisas de duos, solos e conjuntos onde se evidenciou as contraposições das formas de um intérprete para outro.

Foi necessária uma pausa nas pesquisas corporais, para um maior aprofundamento da indumentária produzida a partir de materiais naturais. Com isso, formou-se uma parceria entre os estudantes de Belas Artes da UFRJ e os estudantes do Curso de Moda da PUC-Rio. Foi um importante processo de concepção artística, que viabilizou figurinos e elaborou maquiagens, baseados na natureza local da Serra da Mantiqueira.

Com a concretização dos figurinos dourados e de cordas, foi possível dar forma a dois processos fotográficos: um no pico das montanhas, numa relação de corpo, árvore e paisagem e outro em meio à folhagem, num processo mais detalhado de expressões faciais. Além disso, foi introduzida uma pesquisa da relação da corporeidade humana na lama, no tronco caído, na raiz exposta.

Na sexta viagem, enfocamos nos laboratórios tipo estudo, a fim detalhar os movimentos em cada tipo e estrutura de árvores, aplicando os Parâmetros da Dança; desenvolvemos mais a pesquisa começada na viagem anterior e expandimos ainda mais nosso direcionamento, passando a fotografar e filmar com figurinos de cordas e musgos nos regatos e poços escondidos pela mata.

A sétima viagem, foi um aprimoramento da corporeidade e suas movimentações, no deslizar da lama, no explorar do tronco áspero e horizontal, na raiz gasta e decomposta. Nesta viagem, as composições fotográficas também foram mais estudadas e aprimoradas.

Ao longo do semestre que se seguiu, “Corpos Telúricos” entrou em uma nova etapa. A partir de entrevistas realizadas pelo Projeto, dos artistas e artesãos locais da Serra da Mantiqueira, acabamos por encontrar diversas esculturas moldadas na própria mata, por raízes e insetos, apenas finalizadas por Seu Jorge Brito, artesão e músico local. Essas esculturas, moldadas pela ação da própria Natureza, impulsionaram o surgimento da performance “Corpos Híbridos”. Esta performance reivindica a nossa imediata reconexão e conscientização do indivíduo com o meio ambiente. Após elaborarmos uma improvisação roteirizada, com a pesquisa de movimentos orgânicos e topológicos, montamos cenas com o enfoque na relação ecom as esculturas, com estes “Tótems da Natureza”. Começamos um processo de interação com cipós e tecidos, além das raízes propriamente ditas. Fomos convidados a apresentar no Mauástock, evento em homenagem aos cinquenta anos de Woodstock.

Essa primeira apresentação foi o ponto de partida do desenvolvimento de “Corpos Híbridos” enquanto fruto do processo fotográfico e performático de “Corpos Telúricos”. No Festival Internacional de Fotografia “Paraty em Foco”, estavam em exibição uma parcela de nossas fotos, e a partir dessa parceria com o Festival, fomos convidados a apresentar duas vezes na praça central do evento.

Nesta décima viagem, enfocamos em aulas de técnica na natureza com temáticas a partir da articulação de esquemas dos Parâmetros da Dança, integrados entre si. A performance criou mais forma e dramaturgia, pelo aprofundamento das pesquisas entre dança e natureza; música feita baseada nos sons de animais locais; indumentária colorida por tinturas orgânicas e colagens de tecidos e folhagens diversos; cenário materializado por sisais, madeiras, folhas secas, cordas, cipós, tecidos e raízes; poemas e relatos escritos sobre as diferentes experiências de cada indivíduo ... e acima de tudo, seres humanos mais conectados e seguros, à descobrir o caminho para sua própria essência.

Esses três anos no projeto, foram em síntese, uma concretização desta pesquisa em dança e meio ambiente, tão holística e una, que visa e enaltece o viver em profunda arte, integrada com a natureza interior e exterior em todos os instantes.

# ESTÉTICA

## **Roteiro, direção e coreografia**

André Meyer e Ana Célia de Sá Earp

## **Intérpretes-criadores**

Ananda de Sá Earp Meyer

Jéssica Moreira

Luís Gustavo dos Santos

Thaísa Faustino

Yasmin Moreira

Yue Rodrigues

## **Fotógrafos**

Alexander Moreira

Camila Barbosa

Mateus Paiva

## **Figurinista**

Jéssyca Ugolini

## **Cenógrafo**

Rafael Veiga Jr.

## **Patrocínio**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Superior – CAPES

Fórum de Ciência e Cultura – FCC

Programa de Apoio às Artes – PROART

Pró – Reitoria de Graduação - PR1

Pró – Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PR2

Pró – Reitoria de Extensão - PR5

## **Apoio:**

Escola de Educação Física e Desportos – EEFD

## **Realização:**

Companhia de Dança Contemporânea da UFRJ - CDC – UFRJ

Laboratório de Imagem e Criação em Dança – LICRID



# S e t o r o n

<sup>i</sup> Os poemas “Desperto com a sonoridade do vento matinal que promete uma calidez comedida” e “O misto de direções” são de Ananda de Sá Earp Meyer. Os “De certo não sou semente. Devo ser um broto podado” e “Olhe ao redor e tente entrar” são de Yue Rodrigues. Os “A similitude dos corpos humanos com outros corpos naturais - a raiz da árvore e a raiz do dente”, “Acordar letargia no calor que esfria” e “A aspereza que se adapta ao ambiente existente” são de Thaisa Faustino. O “Por que precisamos estar integrados com a natureza?” é de Yasmin Moreira. Os demais são adaptações de pensamentos de Helenita Sá Earp redigidos por sua filha Ana Célia de Sá Earp.

<sup>ii</sup> A Companhia de Dança Contemporânea da UFRJ é um grupo artístico de representação institucional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2017 e 2018, foi premiada nos Editais de Apoio aos Grupos de Artísticos de Representação Institucional – PROART/GARIN/FCC/UFRJ / 2016, no Edital de Apoio à Produção e Divulgação das Artes no Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ / 2016 e no Edital de Ocupação dos Teatros do Estado (RJ) - FUNARJ / 2016. Para maiores informações ver :< <https://www.helenitasaearp.com.br/companhia-de-danca>>.

<sup>iii</sup> No “2005 L’Année du Brésil en France”, na 9 ‘ème Edition du Festival de Poésie Voix de La Méditerranée” em Lodève na França - 2006; no Festival “Recontre Poésie / Poésies - Printemps des Portes” em Hyères na França - 2007; no II Festival Internacional de Cinema Sócio Ambiental em Nova Friburgo no Brasil – 2007; no Rencontres Soirées Littéraires da Maison Jules Verne em Amiens na França - 2008; no Ano da França no Brasil e no Colloque International Gaston Bachelard, Science, Poesie, Une Nouvelle Etique? / Centre Culturel de Cerisy la Salle - 2012.

<sup>iv</sup> Muitas fotografias contidas neste livro fazem parte da Exposição “Corpos Híbridos”. Esta exposição integra a Ocupação “100 Anos de Helenita Sá Earp – Dança e Natureza” que está acontecendo entre os dias 18 de janeiro a 16 de fevereiro do corrente ano, no Centro Cultural Parque das Ruínas. A exposição “Corpos Híbridos”, conta com 39 fotografias de Alexander Moreira, Camila Barbosa e Mateus Paiva e a curadoria de Giancarlo Mecarelli - as quais entrelaçam a dança em meio a preservada natureza de Visconde de Mauá, no sul do estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais. A exposição de fotos também foi apresentada no 15º Festival Internacional de Fotografia Paraty em Foco, em setembro de 2019.

<sup>v</sup> O estudo da mística em religiões comparadas foi fundamental para Helenita conceber esse trabalho no corpo que pode se tornar uma dança, mas que é, sobretudo, uma busca no corpo de si mesmo.

<sup>vi</sup> Númeno ou noúmeno (do grego *νοούμενον*) é um acesso que se tem a uma realidade sem a ajuda dos sentidos. O termo é geralmente usado em contraste ou em relação com fenômeno, que em filosofia se refere ao que aparece aos sentidos. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%BAmeno>> Acessado em: 31 ago. 2018.

<sup>vii</sup> Intuição significa para Henri Bergson apreensão imediata da realidade por coincidência com o objeto. Em outras palavras, é a realidade sentida e compreendida absolutamente de modo direto, sem utilizar as ferramentas lógicas do entendimento: a análise e a tradução. Somente a intuição pode garantir uma coincidência imediata com o real sem o uso de símbolos nem de repartições analíticas. A intuição pode ser entendida, portanto, como uma experiência metafísica. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Henri\\_Bergson](https://pt.wikipedia.org/wiki/Henri_Bergson)> Acessado em: 11/11/2018.

<sup>viii</sup> Ver artigo: MEYER, André; EARP, Ana Célia de Sá; CARNEIRO, Mateus Paiva Chagas. A ecoperformatividade e a poética das situações do corpo no espaço. Anais do V Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. Natal: ANDA, 2018. p. 848-863.



